

VER, PENSAR E PROJETAR A PAISAGEM PATRIMONIAL: PRÁTICA DE UMA METODOLOGIA DE PROJETO NA CHÁCARA DAS JABOTICABEIRAS, VILA MARIANA, SÃO PAULO.

Eixo Temático: Eixo 1 - Fundamentos, processos de pesquisa e a temática patrimonial: modos de construção horizontais a partir da academia

Subeixo: metodologias pautadas em relações mais inclusivas e horizontais na construção do conhecimento.

Gabriela Catallani Galdino

Graduanda, UNESP, Brasil.

gabriela.catallani@unesp.br

Hélio Hirao

Professor Doutor, UNESP, Brasil.

helio.hirao@unesp.br

Matheus Alcântara Silva Chaparim

Professor Mestre, UNESP, Brasil.

matheus.chaparim@unesp.br

RESUMO

O presente artigo apresenta o processo de pesquisa da paisagem patrimonial da Chácara das Jaboticabeiras, conjunto de loteamentos da década de 1920 na Vila Mariana, em São Paulo. Essa área se destaca do seu entorno por manter os padrões de construção do seu tempo de fundação, contendo camadas de memória que se cristalizaram ou foram ressingularizadas no espaço ao longo dos seus cem anos de existência. Neste percurso que visa articular memória, afeto e patrimônio material se expressa a necessidade de apreender os espaços patrimoniais além dos simples aspectos físicos ou morfológicos. É preciso interrelacionar os elementos visíveis com as espacialidades não visíveis, observando também as vivências, as sensações e os significados entre o espaço e os indivíduos que dele usufruem. Esse movimento é fundamental para compreender as pluralidades e coexistências tão intensas em áreas que acumulam diversas camadas do tempo. Com isso, objetiva-se mostrar que é através dessas conexões que se expressam as potências de preservação e possibilitam a adequação dessas paisagens patrimoniais ao contexto e dinâmica da cidade contemporânea. Como metodologia de apreensão do local para desenvolvimento do processo projetual, esta investigação se orienta através de quatro pontos: a paisagem enquanto espaço fenomenológico; a inversão no pensamento ao intervir sobre o lugar; a prática da deriva e da cartografia.

Palavras-Chaves: cartografia; Chácara das Jaboticabeiras; deriva; paisagem; patrimônio.

ABSTRACT

This article presents the investigative research process around the heritage landscape of Chácara das Jaboticabeiras, a set of subdivisions from the 1920s in Vila Mariana, in São Paulo. This area stands out from the surroundings for maintaining the construction standards of its founding time, containing layers of memory that crystallized or were re-singularized in space over its hundred years of existence. In this path that aims to articulate memory, affection and material heritage, the need is expressed to apprehend heritage spaces beyond the simple physical or morphological aspects. It is necessary to interrelate the visible elements with the non-visible spatialities, also observing the experiences, sensations and meanings between the place and the individuals who enjoy it. This movement is fundamental to understanding the pluralities and coexistences, so intense in areas that accumulate several layers of time. With this, the objective is to show that it is through these interrelationships that the powers of preservation and adaptation of heritage landscapes to the context and dynamics of the contemporary city are expressed. As a methodology for reading the place and design thinking, this investigative process is guided by four points: the landscape as a phenomenological space, the inversion of thought and the process of intervening on the place and the practice of drifting followed by cartography.

Keywords: cartography ; Chácara das Jaboticabeiras; derive; heritage; landscape.

1. INTRODUÇÃO

As investigações sobre a gênese do conceito de paisagem são desenvolvidas por diversos autores, entre eles a filósofa francesa Anne Cauquelin. Em seu livro “A invenção da paisagem”, Cauquelin afirma que a noção de paisagem se instalaria definitivamente em nosso imaginário com a elaboração dos princípios da perspectiva, durante o século XV (CAUQUELIN, 2008, p. 25). Portanto, seu surgimento histórico está associado à aplicação desses preceitos nas representações artísticas, sempre pensada e constituída como correspondente ao conceito de natureza.

Segundo Victor Stoichita (1999, p.58) é com os quadros de pintura renascentista, que a paisagem passou a ser construída enquanto vista emoldurada, a partir da “invenção da janela”. É “o retângulo da janela”, acrescenta, que transforma o lado de fora em paisagem, ao ativar uma relação entre interior e exterior. Com isso, é instaurada uma condição indispensável da paisagem na história da pintura: a distância. Essa noção de paisagem constituída a partir da distância, ainda que datada do Renascimento, encontra-se presente em nosso imaginário. Disto resulta a ideia de separação entre paisagem e vida cotidiana, considerando a paisagem apenas como “horizontes para contemplar” (BESSE, 2013, p. 33).

A paisagem costuma ser entendida enquanto um lugar distante, que mantém uma relação de separação de nós mesmos. O corpo parece não comparecer nesse imaginário, nos colocamos no “aqui” e pensamos na paisagem como um “além”. O pensamento reproduz imagens de horizontes, espaços amplos onde se pode ver através, como que a partir de um olhar de sobrevoo. No entanto, esse conceito não corresponde ao real. As nossas paisagens são muito mais cotidianas, nos envolvem e nos colocam dentro delas.

Para a apreensão e cognição dessa paisagem relacional, a discussão parte dos estudos de Jean-Marc Besse, priorizando dois pontos levantados pelo autor: a paisagem fenomenológica, compreendida como um “espaço de experiências sensíveis”, e como um “contexto de projeto”, onde deve haver uma inversão no pensamento ao intervir sobre o lugar. Pontos fundamentais para guiar o estudo de paisagens patrimoniais, uma vez que propõem um caminho alternativo ao domínio do olhar e confronta o pensamento projetual impositivo que deseja imprimir ou cristalizar formas sobre o patrimônio construído.

O intuito é que, a partir desses pontos inicie um processo de investigação que visibilize as diversas camadas da paisagem e compreenda a relação estabelecida entre elas com o lugar. Interessa, portanto, acompanhar o processo. Para guiar este método é que a prática do caminhar, pautada nas

derivas situacionistas, e da cartografia serão utilizadas com o fim de reconhecer essas relações subjetivas entre a paisagem patrimonial e os corpos dos sujeitos.

2. EXPERIENCIAR E RECONHECER: UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A paisagem é movimento e não reconhecimento, ela não se limita a uma identificação de elementos, texturas e espacialidades que nos despertam interesse. É um movimento que flui entre o eu e os conteúdos e formas, por isso, antes mesmo de ser objeto para se contemplar, a paisagem é ambiente, meio e atmosfera. É a presença do corpo e o fato de ser afetado. Trata-se de uma desobjetificação, não é um objeto apreensível pelo pensamento, é uma forma de participar do movimento do mundo em determinado lugar (BESSE, 2014, p. 47).

A paisagem, enquanto campo disciplinar de competências propositivas, é não só objeto de estudo sobre o qual se desenvolve teorias e conceitos, mas também é alvo de intervenções. Sobre ela o pensamento se concretiza, muitas vezes, de modo a imprimir modelos desconexos, genéricos ou imposições que visam apenas sua transformação. Isso porque, em sua maioria, têm como premissa a paisagem como superfície pronta a receber o novo. Ela é também limitada a elemento estático, composição material de formas e elementos, o que desconsidera totalmente seu caráter relacional.

Por isso, Besse (2014) desenvolve em uma das suas “possíveis entradas na paisagem” a discussão em torno da necessidade de inversão no pensamento e processo de intervir sobre o lugar. Para ele, a busca do programa deveria partir dos possíveis usos e apropriações presentes no real.

Como finalidade desse outro olhar para o local estaria então a busca por “imaginar o real” como ferramenta de projeto. O termo “imaginar” pressupõe tomar consciência de algo que nem sempre é manifesto com clareza, mas está presente na paisagem, quer de maneira material ou imaterial.

A fim de apreender a paisagem a partir das duas perspectivas descritas acima é que o ato de caminhar (JACQUES, 2012) é adotado como método, juntamente com as cartografias. A experiência da cidade através da deriva transparece o que escapa nas disciplinas urbanísticas que buscam sistematizar o espaço urbano a partir de dados objetivos e genéricos. Mostra uma dimensão excluída pelo projeto urbano tradicional, que é a dimensão da vida (JACQUES, 2012, p.118).

Desse modo, o que se busca na deriva é reconhecer “as apropriações com seus desvios e atalhos”, por isso, as imagens e representações visuais não são consideradas prioritárias para a experiência. Nela, todos os outros sentidos, além da visão, se aguçam possibilitando uma outra percepção sensorial na leitura do espaço (JACQUES, 2012, p.119 -122).

Por isso, é necessário que a representação da paisagem veja além do mapa como seu representante, utilizando da cartografia, com o intuito de manter o fator tempo com suas qualidades, traduzindo-o sem apagá-lo. Essas cartografias expressam uma nova maneira de apreender o espaço urbano a partir de sua experiência afetiva, ao levar em consideração aspectos sentimentais, psicológicos ou intuitivos que muitas vezes caracterizam melhor certos espaços do que os simples aspectos físicos ou morfológicos (JACQUES, 2003, p.24).

O espaço não é, somente, uma estrutura fixa; ele não adquire essa estrutura senão através da organização geral do sentido, no qual se completa a sua edificação. “A função do sentido é o momento primeiro e determinante, a estrutura do espaço o momento secundário e dependente” (Cassirer, 1955, p. 109 apud Besse, 2013, p.45).

A experiência do caminhar seguida da cartografia, por se tratar de uma experiência de frontalidade e lateralidade, e não se limitar a uma vista aérea, é capaz de apreender a pluralidade e coexistência das espacialidades visíveis ou não na paisagem.

3. A CHÁCARA COMO SE ENCONTRA NO ESPAÇO

Chácara das Jaboticabeiras é o nome dado a um conjunto de loteamentos da década de 1920 na Vila Mariana, na cidade de São Paulo (Figura 1). A área se insere no quadrilátero das ruas Domingos de Moraes, Joaquim Távora, Humberto 1º e Avenida Conselheiro Rodrigues Alves. Em um desses lados do quadrilátero está o largo Ana Rosa, com a estação de metrô integrada ao terminal de ônibus, e duas destas faces do quadrilátero são lindeiras às importantes vias da cidade.

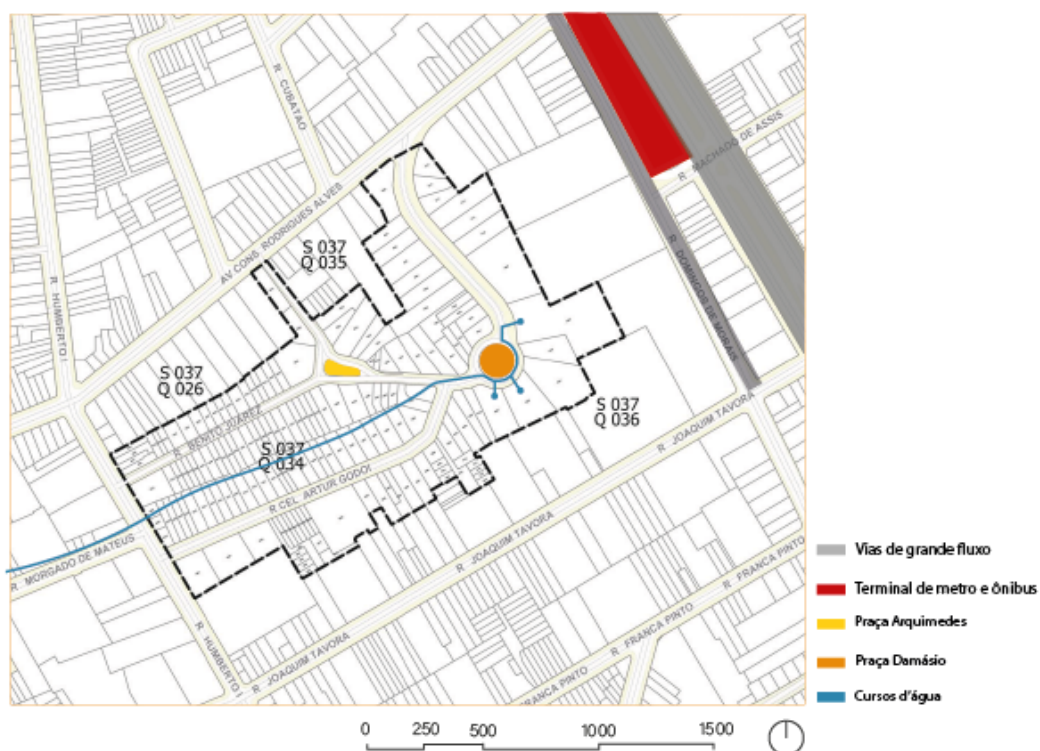
Figura 1: Chácara das Jaboticabeiras



Fonte: Acervo da autora

No local (Figura 2), encontram-se duas pequenas praças, Damásio Paulo e Arquimedes Silva; nesta última, está o epicentro de uma das nascentes do córrego do Sapateiro, que nutre os lagos do Parque Ibirapuera: o Guariba (GEOSAMPA, 2021). A vegetação, exuberante, é também um importante bem natural que confere características singulares ao local. Com uma enorme variedade da Mata Atlântica, uma das ruas abriga mais de 60 espécies de árvores, além das calçadas ajardinadas e da vegetação dos terrenos das habitações que transborda para as áreas públicas (COLETIVO CHÁCARA DAS JABOTICABEIRAS, 2020).

Figura 2: Recorte da área de estudo



Fonte: Acervo da autora

As áreas para transitar, feitas de paralelepípedos de granito e desenhadas de forma estreita e sinuosa, receberam canteiros ajardinados onde o passeio é mais largo. Essa vegetação exuberante e densa dos canteiros se dá como complemento das árvores de grande porte da mata atlântica, que sombreiam as áreas públicas. Ademais, as edificações se mantêm com característica inicial de gabaritos baixos, de no máximo dois pavimentos, seguindo padrões arquitetônicos que lembram o neoclássico e *art déco*, com recuos frontais e posteriores generosos e vegetados em lotes estreitos. Dos lotes da área, 109 são dedicados ao uso residencial, só dez são edifícios de apartamentos, e muitas casas são habitadas pelas mesmas famílias há décadas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

4. “ENTRE” CORPO E PATRIMÔNIO: A EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM

Através da realização das caminhadas e da expressão das percepções por meio das cartografias observou-se que a área se destaca em três zonas de ambiências (Figura 3), que manifestam em si diferentes experiências fenomenológicas. Sendo sobre essas três zonas que este estudo se aprofunda, transparecendo a relação entre corpo e meio.

Figura 3: Área de estudo e suas zonas de ambiências.



Fonte: Acervo da autora

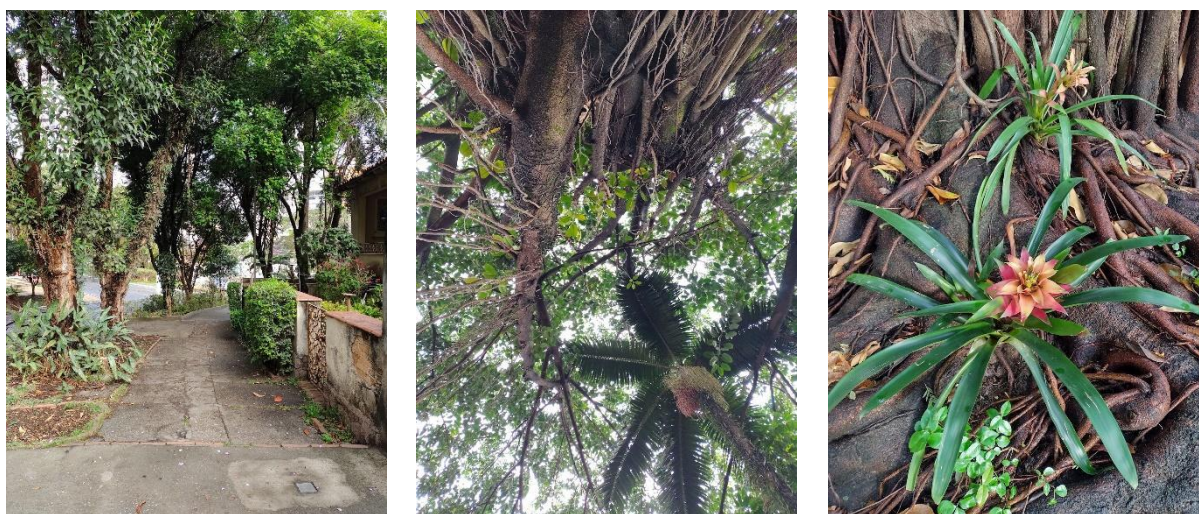
4.1 ZONA DE AMBIÊNCIA 1: ALAMEDA DA RUA DR. FABRÍCIO VAMPRE

O percurso de chegada à Vampré é como vislumbrar um portal e tomar conhecimento que através dele existe algo distinto. Desde o caminho pela Avenida Rodrigues Alves vemos sua entrada demarcada pelo fechamento de árvores altas e canteiros vegetados.

Ao entrar na rua o caminho de paralelepípedos segue uma inclinação suave, que nos conduz de forma amena por sua topografia que cai em direção à praça Arquimedes. Essa configuração é reforçada pela vegetação da rua, que é então a chamada “Alameda do Prestes Maia”, por ter sido projetada pelo mesmo. Dos trechos da Chácara, aquele é o que concentra o maior número de vegetação, seus largos canteiros são compostos por altíssimas árvores centenárias em associação a maciços vegetais menores ao longo de todo o traçado.

Tanto as árvores de grande porte quanto as arbustivas e rasteiras, em conjunto, criam espaços de possibilidades. Atuando sobre a percepção, estes espaços instigam novas relações entre o meio e o corpo (Figura 4). A luz e a claridade do céu são filtradas por entre as folhagens das árvores da alameda. O clima se faz etéreo e o corpo é carregado pelo caminho devido a sua topografia e interesse por sempre descobrir o novo da vivacidade das fachadas. As árvores cercam quem esteja caminhando pela calçada e crescem expressando a magnitude da natureza, que parece diminuir o corpo que passa por ali.

Figura 4: Cartografia de ambiências da Alameda



Fonte: Acervo da autora.

Porém, essa relação que maximiza as grandes árvores que marcam os canteiros frente ao corpo que transita, não transmite uma separação entre ambos. Não é como se colocar frente a uma grande catedral ou em uma rua de presunçosos edifícios verticais. A vegetação de grande porte é que, em grande parte, dispara a ambiência agradável. Há uma sensibilização do corpo e dos sentidos frente a luz filtrada vista no ar, a mudança dos ventos, o som do balançar das folhas e os diversos padrões de sombras estampadas no chão.

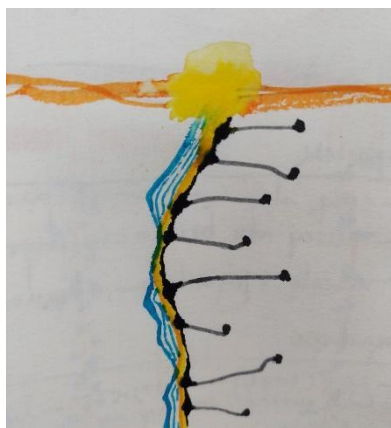
Elas são também estruturantes para os maciços menores que atuam em composição. Crescendo ao longo dos troncos como um emaranhado ou usando-os como suporte. Entre suas raízes, aos pés dessas árvores, crescem de forma espontânea ou colocada. Se apoiam, sobem. Formam golas que evidenciam ainda mais o formato dos troncos dando-os destaque, ou se mesclam a eles através de sua forma irregular e de grande volume.

É essa outra escala que se comunica, em sua forma material, de modo mais próximo com os corpos. Elas complementam o envolvimento dado pela ambiência etérea das grandes árvores. Acrescentam

diversidade com sua sutil variação de tons de verde ou com a aplicação de pontos de cor no espaço dado pelas flores e determinadas folhagens. As texturas são diversas, as formas também. Ora recuam para longe de quem passa, e, por vezes, se fazem próximas se projetando para além dos canteiros. São sutis e presunçosas, se mostram tomando de forma confortável um espaço que parece ser inteiramente delas. Essa liberdade é reforçada pelo tempo, a cada deriva feita em períodos diferentes ao longo de dois anos, as mudanças nítidas entregam seu dinamismo.

As relações de afetamento entre corpo e paisagem, portanto, são construídas a partir da somatória de camadas, são resultado de uma composição de fatores que, juntos, compõem a ambiência. A experiência do caminhar na Rua Dr. Fabrício Vampré mostra duas delas. Em cada uma das calçadas as experiências fenomenológicas da paisagem são fortemente distintas, apesar de compartilharem pontos comuns descritos acima. Esses nuances podem ser expressos na cartografia abaixo (Figura 5).

Figura 5: Cartografia da zona de ambiência 1



Fonte: Acervo da autora

De um lado da rua, todos esses elementos parecem ser intensificados, de outro, negados e atenuados. O lado de maior preservação das edificações estabelece uma relação coesa com seu exterior, a transição entre o espaço público e o privado é feita de maneira suave e comunicam com o fora. Os muros não obstruem a visão, são da altura do quadril. Seu desenho provoca a percepção da topografia, feito em níveis, conforme o caimento do terreno, liberando a vista para as fachadas características.

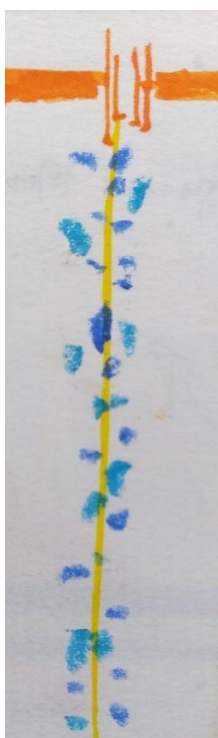
Já do outro lado da rua, todo o trajeto do caminhar é acompanhado de grandes edifícios de apartamentos. Das muitas derivas realizadas, apenas em uma das vezes o caminho escolhido foi para este lado, para observar as plantas dos canteiros, que diferem do outro. Ali não existe a curiosidade que o outro lado desperta, não há movimento nem contato entre o dentro e o fora. O olhar não

procura observar os elementos dos jardins, plantas e estátuas; não há uso visível por trás dos muros. É um espaço pouco dinâmico, voltado para si, que nega o que está fora.

4.2 ZONA DE AMBIÊNCIA 2: RUA BENITO JUÁREZ

O mapa indica ter adentrado uma das ruas que dá “entrada” à Chácara, mas, num primeiro momento não é possível a reconhecer. É preciso caminhar alguns metros para que haja identificação das características fundamentais da área. A rua é estreita nesse início, assim como ao longo dela toda. O calçamento também se assemelha, é feito do mesmo material, os paralelepípedos irregulares que induzem atenção ao caminhar. Mas esses elementos não são suficientes sozinhos. As fachadas são maiores em sua extensão horizontal, monótonas, fechadas para si mesmas, e o trajeto quase nada arborizado. Falta surpresa.

O início dessa possível entrada da Benito Juárez parece um espaço anterior a ela, separado, um espaço cuja finalidade é chegar até outro, onde não comparece a atmosfera de um abraço do lugar com o corpo. Não traz o desejo de percorrer e estar na rua, nem proporciona a experiência tranquila dos sentidos. É um espaço de dúvida. Nesse início não há a “quebra” entre a Chácara e o entorno, característica das demais entradas. Mas, após alguns bons passos, repentinamente, a sensação de ter adentrado acontece, o espaço se abre para que o corpo o sinta por inteiro e sem esforço (Figura 6).

Figura 6: Cartografia da zona de ambiência 2

Fonte: Acervo da autora.

Estar naquela rua é ter a certeza de que seremos observados: entrada e saída constante das casas, pedestres e carros que transitam. A grande maioria das edificações (todas residenciais) são sobrados e tem suas janelas voltadas para a rua, contribuindo para a sensação de estar sendo visto. Através delas é possível acompanhar o movimento de dentro, escutando sons e vendo a passagens das pessoas pelas janelas.

A presença dos moradores também pode ser percebida sem vê-los. Mais do que nas outras ruas da Chácara essa apresenta marcas explícitas de apropriação do patrimônio. A implantação do volume edificado é recuada em média quatro metros, e é nesse espaço que a intervenção de cada morador acontece de forma a caracterizar as edificações, retirando o caráter padronizado e impessoal. Esses recuos são abertos para a calçada ou fechados por portões que permitem a permeabilidade visual. Através deles estão jardins que chamam atenção pelo cuidado e beleza. A natureza minuciosa dessas vegetações entrega a quem vê um aglomerado de texturas e cores.

A densidade da Benito é outro ponto que salta à percepção durante as caminhadas e intensifica as experiências descritas acima. Os lotes são estreitos, entre cinco e seis metros de testada, a grande maioria sem recuos laterais. Por isso, em uma curta distância do trajeto são disparados estímulos

constantes aos sentidos. Toda a diversidade e vivacidade de cada edificação é passada em conjunto, de forma intensa. Essa rua curta, se faz parecer longa (Figura 7).

Figura 7: Cartografia de ambiências da Benito Juárez



Fonte: Acervo da autora.

Aqui, diferente da rua descrita anteriormente, não são os efeitos da luz e da ventilação filtrada, nem o “abraçar” do corpo e dos sentidos pela vegetação, ou a caminhada por largas calçadas enquanto se acompanha o movimento interno das edificações, que despertam a ambiência. As árvores são de pequeno porte, muitas vezes obstruindo a passagem com sua copa na altura do corpo. As calçadas são estreitas, tomadas por pequenos canteiros que mal deixam espaço para caminhar. Por isso, mais do que nas outras zonas de ambiência, nesta somos conduzidos num movimento de vai e vêm entre rua e calçada.

Apesar das diferenças, o envolvimento dos sentidos pelo meio, também comparece. A escala dos elementos desta rua condiz com o corpo, parecem se aproximar de quem passa. Chamam atenção por serem minuciosos e diversos, por expressarem o cuidado e a particularidade daqueles moradores.

4.3 ZONA DE AMBIÊNCIA 3: RUA DR. FABRÍCIO VAMPRE, A “OUTRA ENTRADA”

A experiência pela outra entrada da Vampre é bastante distinta das demais ruas. O caminho estreito se faz solitário. Nesta parte, o trajeto é mais escuro, não há tanta presença dos ventos e da luz filtrada pelas árvores altas, que existem ali também. É margeado, do início ao fim, em um dos lados, por um alto muro cinza. Do outro lado há sobrados com grande dimensão horizontal. Em nenhuma das derivas realizadas, percebeu-se a sensação de estar sendo vista pelos moradores, a presença de quem transita pela rua aparenta ser pouco relevante.

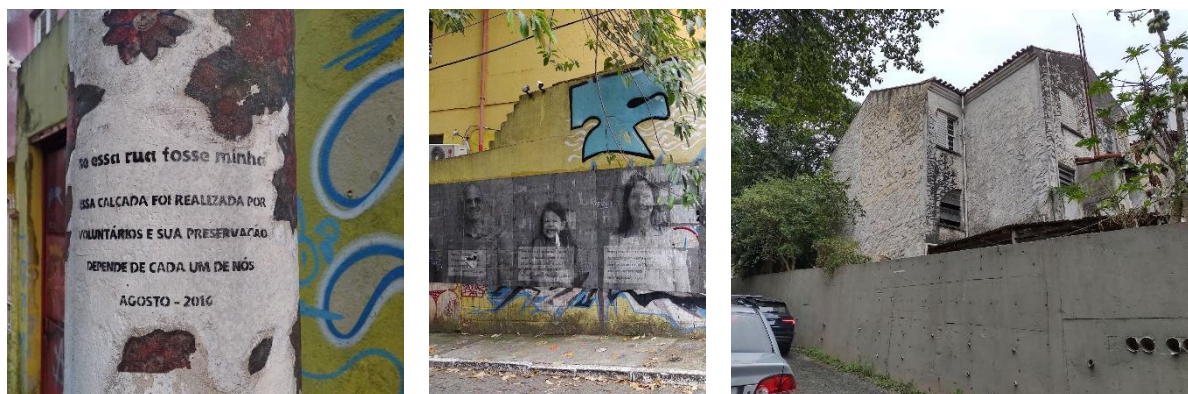
Esta configuração parece bloquear o interesse e interação entre corpo e espaço, faz com que o caminhar não pareça muito bem-vindo. A calçada só é presente em um dos lados e é estreita o suficiente para não restar lugar de passagem nos pontos onde estão os postes de eletricidade. Na tentativa de caminhar pela calçada, há também o incômodo de estar comprimido entre, de um lado, os grandes sobrados, que aparentam estar vazios, e a fileira de carros estacionados, que ocupa boa parte da via.

Como o caminhar pelas ruas, na Chácara, acontece de forma natural, é possível seguir por ela. No entanto, o corpo também é jogado de forma desconfortável entre lá e cá. A passagem de carros juntamente com a ausência de espaço nos obriga a fazer certas pausas na caminhada para se “abrigar” por entre os carros estacionados, ou nos “espremermos” no muro cinza a fim de esperar a passagem dos veículos. O corpo se sente deslocado.

Apesar disso tudo, há uma série de particularidades desta rua que conseguem elevar a experiência do caminhar. Este trecho da Vampré é um espaço onde a atenção às superfícies é despertada. Sobre as fachadas dos sobrados monocromáticos, ao longo dos muros e pisos, certos elementos se destacam. São estampados grafites, pichações, pinturas e composições artísticas.

O trecho concentra intervenções no patrimônio construído de natureza bastante distinta dos demais, que quase não aparecem nas outras caminhadas, pelo menos não de forma a se destacar. Boa parte dessas marcas deixadas foram planejadas pelos moradores: lambe-lambes colados como ato de resistência à ameaça de destruição, pinturas nos postes e mosaicos aplicados nas calçadas. Sempre mesclados com as pichações.

Essas camadas sobrepostas ao patrimônio inicial foram capazes de expressar os vínculos e desejos daqueles que estabelecem uma ligação com a Chácara, sejam eles moradores dali, do entorno ou frequentadores. E essa forma de expressão confere uma camada de memória que se mostra visível na constituição da paisagem. A construção da ambiência deste trecho está, portanto, intimamente ligada a esses símbolos, palavras, desenhos e composições, que conferem curiosidade ao caminhar (Figura 8).

Figura 8: Cartografia de ambiências da zona 3

Fonte: Acervo da autora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as modificações da Vila Mariana, as dinâmicas afetivas saudáveis que vêm sendo apagadas, nesta área de estudo, em parte se mantém, ao passo que outras se transformam, mas sempre permanecem características similares com as dinâmicas dos tempos iniciais. Isso nos mostra a relevância do bem patrimonial para a vida urbana e para a memória da população.

O patrimônio arquitetônico, além de agir de forma ativa, afetando e despertando, atua também como agente passivo. É ele quem recebe as práticas e as ações e sem os significados delas, carregado por um grupo social portador das vivências, os valores desse bem não lhe são atribuídos (ORTIZ, 1986, p.135).

A Chácara se mostrou um desvio na forma de interação com o patrimônio. Transparece os desejos de seus moradores, expõe a identidade e a individualidade, e, por isso, se mantém. Ativa as experiências reais dos sentidos, instigando vivências alternativas à lógica atual dos espaços urbanos que neutraliza o corpo e seu “estar no mundo”.

O patrimônio costuma ser esquecido, substituído ou então, espetacularizado. Grande parte é “elevado” a ponto de cultura e visitação. Apesar da relevância de dar visibilidade agregando-a à informação, é fundamental pensar a preservação em sua amplitude.

Assim como as nossas paisagens são cotidianas, os espaços de “memórias passadas” também costumam ser. Seguem, ainda que desacompanhados, em meio ao vai e vem da realidade urbana contemporânea. Apesar disso, o tratamento dado a esses lugares na busca por sua preservação

muitas vezes os “destaca” do seu contexto urbano, espetacularizando , ou desconsidera a volumosa espessura do tempo presente ali, abandonando ou demolindo.

A realidade urbana contemporânea na qual São Paulo se insere preza por discursos que visam o lucro e o tempo rápido. Como atuar em possíveis brechas que se apresentam? É preciso pensar também no dinamismo, no movimento, nos processos ali existentes, mas também compor com as identidades e singularidades escondidas ou sobrepostas.

Por isso, esse trabalho é guiado por um pensamento que foge das estratégias tradicionais. É uma procura constante em frestas da realidade mutável que provoque e toque a escala da vida cotidiana. Uma reação à passividade que interagimos com as áreas patrimoniais.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc et al. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: eduerj, v. 234, 2014.

_____. **Estar na Paisagem, Habitar, Caminhar**. In: CARDOSO, I. L. Paisagem e Patrimônio. Lisboa: Dafne Editora, 2013, p. 33-53.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG Brasil, 2013.

CAUQUELIN, Anne. **Paisagem, retórica e patrimônio**. RUA: Revista De Arquitetura E Urbanismo, 2008.

Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3227>

COLETIVO CHÁCARA DAS JABOTICABEIRAS. Instagram, 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/chacaradasjaboticabeiras/> . Acesso em: 20 jul. 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. Chácara das Jaboticabeiras. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1641878285324781-chacara-das-jaboticabeiras>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GEOSAMPA. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx . Acesso em: 20 jul. 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

STOICHITA, V. **L'Instauration du tableau**. Geneve: Droz, 1999.